Capítulo V - Abel e Belial

- A Gnose de Raymond Abellio
- A Loucura de Louis Lambert
- A Carne se fará Verbo
- A Sublimação Universal
- Um Imenso Cérebro
- A Estrutura Absoluta
- Uma Beleza Tenebrosa

A Gnose de Raymond Abellio

Diante da impossibilidade de descrever em detalhes o percurso da contaminação gnóstica, escolhemos apenas assinalar os marcos mais característicos. É assim que chegamos à obra de Raymond Abellio. Ele é um dos escritores contemporâneos que melhor transmitem a profundidade e a extensão dessa **contaminação**.

Não examinaremos o conjunto de sua obra: ela é muito diversificada, estendendo-se da filosofia ao romance, e já é objeto de uma crítica geralmente bastante elogiosa. Examinaremos aquele de seus livros que o torna um dos porta-vozes mais autorizados da gnose moderna: "*bordagens da nova gnose*" (Gallimard, 1981).

Essa obra é composta de maneira bastante singular. O autor reuniu nela uma quinzena de prefácios que escreveu, em diferentes épocas, para livros variados, mas que têm todos em comum pertencer eles mesmos à gnose moderna, de tal forma que essa coletânea apresenta uma incontestável **unidade** e um precioso valor de **síntese**.

Encontram-se ali os componentes clássicos de toda gnose, como por exemplo a alquimia e a mística filosófica, também chamada "natural", mas também contribuições recentes, o que não nos surpreende, pois, como já constatamos várias vezes, é o destino do grande rio gnóstico receber, de século em século, novos afluentes.

A Loucura de Louis Lambert

R. Abellio não pode deixar de encontrar a mística natural entre os novos gnósticos; ela caminha lá, como já caminhava no tempo de Menandro, Basílides e Valentim. Ele a examina principalmente no prefácio que compôs para uma reedição de "*Louis Lambert*" de **Balzac**. Este romance é **autobiográfico**, esta é a opinião unânime. Balzac nos fala de si mesmo sob o nome de Louis Lambert. O herói é apresentado como discípulo de Swedenborg, o que equivale a dizer que Balzac também o era. Ora, Louis Lambert, no romance, dedica-se, sob a direção póstuma, e livresca é claro, de seu mestre sueco, a experiências não apenas meditativas, mas também **evocatórias**, e isso com tanto ardor que no final ele sucumbe à **loucura**. Este é o tema do romance.

O prefaciador, R. Abellio, não tem dificuldade em reconhecer que se o herói Louis Lambert, no romance, enlouquece, é porque o romancista Balzac, na realidade, não esteve longe de enlouquecer ele próprio, que sentiu o abismo se abrir sob seus pés e que deve sua salvação unicamente à interrupção de suas experiências. Este perigo é bem conhecido. O próprio Swedenborg não o esconde, pois escreve: "Cuidado, é um caminho que leva ao hospital dos loucos". Notemos ainda que encontramos advertências análogas em muitos autores esotéricos, particularmente em René Guénon.

Em suma, Louis Lambert, o herói do romance, enlouquece, e Balzac revela a **causa** de seu desequilíbrio mental; ele meditou com muita intensidade, explica, e colocou muita insistência em suas evocações. Mas esta explicação balzaquiana não serve de forma alguma para R. Abellio porque desacredita a mística natural à qual ele se apega em primeiro lugar; é ela, de fato, que é a fonte do famoso "conhecimento" gnóstico, já que a gnose é em grande parte uma ciência intuitiva; sem mística, não há gnose.

Ele vai, portanto, opor outra explicação à de Balzac. Ele considera, por sua parte, que Louis Lambert enlouqueceu, não por causa de um excesso e uma saturação, mas por causa de uma **falta** e uma **insatisfação**. Se sua mente divagou, é porque girou no vazio. E se girou no vazio, é porque não teve tempo de se preencher e se alimentar; ele ainda não tinha feito a experiência do "conhecimento" que lhe teria trazido um alimento, uma regularidade de funcionamento e, por fim, uma **plenitude**.

Esta é a explicação que R. Abellio dá para a loucura de Louis Lambert, mostrando assim que está profundamente convencido da excelência da "mística natural", pois, segundo ele, se pode acontecer de pecar por falta, não se deve temer pecar por excesso. Nunca se mergulha profundamente demais nela.

A Carne se fará Verbo

Embora R. Abellio conteste as explicações de Balzac quanto à origem da loucura de Louis Lambert, ele, no entanto, não lhe retira a sua confiança gnóstica e continua a considerá-lo um verdadeiro **vidente**. Ele dá como prova dessa inspiração uma frase que Balzac faz seu herói dizer e que reproduzimos aqui sem alteração, apesar de sua sintaxe um pouco desordenada:

> "Também talvez um dia, o sentido inverso de 'et Verbum caro factum est' será o resumo de um novo evangelho que dirá: 'e a carne se fará Verbo', ela se tornará a Palavra de Deus".

Trata-se, como se vê, de uma **inversão** completa da fórmula evangélica. Balzac evoca aqui um tempo futuro em que a carne se fará Verbo, ou seja, em que o homem se fará Deus. Diante dessa profecia balzaquiana, bastante gnóstica, de fato, R. Abellio inclina-se com admiração; e eis, em substância, o comentário que ele lhe dedica.

Certamente, ele não o nega, houve "uma encarnação do espírito a serviço da vida, uma descida do espírito na matéria". E ele faz algumas alusões, nebulosas, aliás, para permanecer no estilo gnóstico, à Natividade e ao Pentecostes. Então ele dá a essa encarnação e a essa descida do espírito o lugar que lhes cabe na perspectiva esotérica: elas constituem os "pequenos mistérios", ou seja, os mistérios que a Igreja cristã exotérica compreendeu bem e dos quais ela se contenta.

Mas além desses pequenos mistérios, há os "**grandes mistérios**", ou seja, a revelação do fenômeno inverso da encarnação, a saber, o fenômeno da **assunção** da matéria no espírito, assunção que se traduz pela transfiguração da carne e a espiritualização da matéria. Claro, os cristãos exotéricos não atingem essas alturas. Os "grandes mistérios" são propriamente gnósticos.

Em resumo, os cristãos sabem que o espírito desceu na matéria, o que não é falso (pequenos mistérios) e os gnósticos sabem que, ao mesmo tempo, a matéria é "assunta" no espírito, o que é ainda mais fundamental (grandes mistérios). Essa é a opinião de Abellio.

Assim, nossos dois gnósticos, Balzac e Abellio, concordam em anunciar um "novo evangelho", o da carne que se torna palavra de Deus por suas próprias forças. Bravo! Nada poderia ser melhor escolhido para fazer os verdadeiros cristãos se sobressaltarem. Eles não podem deixar de reagir vigorosamente contra uma pretensão tão grande. É bem evidente que, se lhes falam de um "novo evangelho", sua desconfiança é imediatamente despertada, advertidos como estão pelas exortações de São Paulo:

>

> "...mesmo que um anjo vindo do céu vos anuncie um evangelho diferente daquele que vos anunciamos, seja ele anátema". (Gal. I, 8)

A Sublimação Universal

A síntese de R. Abellio também abrange outro componente indelével da gnose: **a alquimia**. Lembramos que esta constitui um de seus temas favoritos. Ele se compraz em notá-la em muitos autores modernos. Ele próprio é um adepto fervoroso e, aliás, muito competente: ele sabe do que está falando. Em sua coletânea "*Aproximações da nova gnose*", ele reproduziu o prefácio que havia escrito para outro romance de Balzac: "*A Busca do Absoluto*". Um romance alquímico, se os há, e cujo tema é o seguinte:

> "Um rico flamengo se apaixona pela química e pela alquimia e quer descobrir o segredo do absoluto, ou seja, a unidade da matéria".

Toda a obra de R. Abellio mostra que ele está muito interessado no problema da **constituição** da matéria e de suas virtualidades de **transmutação**. Sempre que pode, ele se empenha em sugerir que, se conhecesse a textura última da substância material, o homem poderia acelerar a **transfiguração** do universo. Infelizmente, ele se expressa à maneira habitual dos alquimistas, ou seja, por uma sucessão de símbolos enigmáticos e líricos, e como sua língua é muito rica e muito imagética, somos levados a uma espécie de vertigem e precisamos nos convencer para não nos deixar convencer. É assim que ele **sugere** (mais do que demonstra) o nascimento de um "**outro mundo**" sob o efeito da alquimia. Elogiando o "profetismo balzaquiano", ele o comenta assim:

> "Pode-se discutir este ou aquele ponto, mas a matéria romanesca é aqui levada a tal grau de pureza e intensidade que só conta a magia do conjunto, essa visão projetiva, extremista e de certa forma ideal que, no mundo real, faz nascer um outro mundo". (*Aproximações*..., página 107).

É esse "nascimento de um outro mundo" que apaixona R. Abellio: a assunção do universo, sua transmutação, sua metamorfose, sua transfiguração... Ele é assombrado por essas noções e retorna a elas constantemente em seus livros. Esse é também o ideal dos alquimistas: a sublimação da matéria, ou seja, a liberação da faixa espiritual que, a seus olhos, ela esconde secretamente.

Queremos saber quais serão as **modalidades** da transfiguração universal que o alquimista vislumbra e prepara? O prefaciador de Balzac nos ensina que, longe de exigir o poder criador de Deus, essa assunção geral será de tipo **mágico**:

>

> "Então entrará em jogo a transposição, a transfiguração, ou seja, um deslocamento, uma desorientação em que as articulações e as leis não são mais da realidade, mas daquilo que se deve chamar de magia".

E não imaginemos que a alquimia transfigurativa de R. Abellio seja um simples tema folclórico e romanesco. Pelo contrário, ele a leva muito a sério e reconhece-lhe uma **eficácia** transcendente:

> "Também não se lerá *A Busca do Absoluto* como um documento de época mais ou menos descritivo, mas como uma evocação simbólica de certos cumes e de certas abismos fora do tempo" (página 107)

Aproximando essas sugestões diversas, obtemos, sem grande risco de erro, a **síntese** a seguir: o mundo seria o palco de um processo "mágico" e permanente (fora do tempo) de sublimação, processo que pertence às *virtualidades* naturais da matéria e que os alquimistas aspiram a conhecer para cooperar com ele; tratar-se-ia, portanto, em última análise, de uma espécie de **glorificação** por via natural e automática, de uma passagem espontânea do mundo a esse novo estado que a Igreja designa pelo nome de estado de glória, mas de uma glória obtida sem a intervenção da onipotência de Deus.

Quando procede a essas sugestões, com sua linguagem premente e sua autoridade, R. Abellio torna-se o porta-voz de toda uma intelectualidade alquímica que proliferou, desde a guerra de 1939-1945, a um ritmo prodigioso, e que conta hoje, é preciso reconhecer, com muito hábeis divulgadores. Mas como um cristão poderia aderir a uma doutrina tão grande?

A metamorfose alquímica do universo não é senão um pálido sucedâneo daquele grandioso episódio que a Fé nos faz esperar na passagem final ao estado de glória:

> "*Et expecto résurrectionem mortuorum et vitam venturi sæculi*... Espero a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro...".

Mas assim como a criação do mundo, surgindo do nada (*ex nihilo*), necessitou do poder divino, sua glorificação, ou seja, sua elevação a um novo estado, também requer o poder divino. O próprio dinamismo da natureza é incapaz de lhe proporcionar esse novo estado. No entanto, os alquimistas pretendem ajudá-la nisso. Mas é uma ambição totalmente **ridícula**. Surpreende-nos até que eles tenham podido concebê-la. Esperariam eles ressuscitar os mortos e provocar a descida da Jerusalém celeste? A Sagrada Escritura é formal e seu sentido nunca foi contestado: no momento da passagem ao estado de glória, é Deus quem intervém por uma manifestação solene de seu poder.

> "*Eis que faço novas todas as coisas*". (Apoc. XXI, 5)

Um Imenso Cérebro

R. Abellio também destaca outro elemento constitutivo da gnose, talvez menos usual que os outros: **a astrologia**. Ele inseriu em sua coletânea três prefácios que lhe pediram para escrever para três livros tratando de astrologia: "*Não queime a bruxa*", de Élisabeth Teissier, "*A Astrologia encontra a ciência*", de Jean Barets, e "*Retorno ao zodíaco das Estrelas*", de Jacques Dorsan.

Ele acredita que se obtém muitos benefícios ao fazer da astrologia uma disciplina gnóstica plena. Retomaremos apenas dois deles.

O primeiro benefício que a astrologia proporciona à gnose é servir-lhe de terreno de entendimento com a ciência quantitativa. De fato, a astrologia trata precisamente da influência imponderável, e no entanto determinante, dos astros sobre o comportamento humano; ela mostra que o homem responde a **estímulos** que são ao mesmo tempo materialmente observáveis, sem contestação possível, e no entanto não quantificáveis. A astrologia, concluiu ele, é portanto em parte científica, embora não quantitativa em seus efeitos materiais. E ao mesmo tempo, em sua qualidade de antiga disciplina tradicional e indemonstrada, ela também é uma matéria gnóstica e "iniciática" (página 169). A astrologia, por ser ao mesmo tempo científica e gnóstica, constitui **o ponto de encontro** designado da ciência e da gnose.

Portanto, R. Abellio convida a ciência a estudar a astrologia, a incorporá-la e assim realizar sua própria **espiritualização** (página 157). A ciência quantitativa se tornará então verdadeiramente uma disciplina gnóstica. Aliás, uma evolução irreversível já está se operando nesse sentido:

> "Na medida em que desconhecem o alcance dessa revolução espiritual, os detratores da astrologia são apenas atrasados". (p. 157)

A astrologia também proporciona à gnose um segundo benefício ao trazer uma confirmação ao velho **panteísmo**, que é um de seus componentes mais antigos. A astrologia se baseia, de fato, segundo R. Abellio, em um postulado que lhe é caro, o da **interdependência universal**. Para ele, essa interdependência é absoluta; não apenas o universo age sobre o homem, mas o homem age sobre o universo:

> "Minha menor emoção, meu menor pensamento, ficam inscritos para sempre no tecido infinito da interdependência global". (p. 157)

Só que o homem não está incorporado a um universo mecânico e morto: "Esse universo prodigioso das interações e correspondências globais", R. Abellio não quer mais que o consideremos como

uma imensa máquina. Ele é, na verdade, segundo ele, um imenso cérebro. E esse imenso cérebro é realmente vivo:

> "Se os astros, como dizia Swedenborg, também são seres, não obedecem eles também ao dinamismo de toda a vida?" (p. 171).
>
> Ora, precisamente "a astrologia restaura ao homem suas relações com o universo". (p. 156)

Um universo que tem consciência de si mesmo e que vive. Reencontramos aqui a consciência universal sobre a qual R. Ruyer nos falou em "*A gnose de Princeton*" e que não é outra coisa senão o elemento central do antigo panteísmo.

A Estrutura Absoluta

A elaboração de uma nova lógica ocupa um lugar muito importante nos trabalhos dos gnósticos de hoje. Todos pensam que a lógica antiga não atende mais às necessidades do raciocínio científico moderno. Todos a criticam por sua **rigidez**. Todos questionam o "princípio da identidade" que constitui uma de suas bases, princípio segundo o qual uma coisa não pode ser ao mesmo tempo o que ela é e seu contrário; os novos lógicos querem se livrar desse princípio. Todos fazem à lógica antiga a acusação de manter a distinção fundamental entre o sujeito e o objeto. Todos consideram que ela foi construída sobre critérios que a ciência reconhece hoje como arbitrários.

Mais genericamente, a crítica que fazem à lógica antiga é seu **dualismo**. Este dualismo, dizem eles, conduz a filosofia e a ciência a uma série de situações de **dúvida**. A palavra da moda para designar tal situação é **aporia**, que significa "sem saída"; certamente não é nova, mas tem um ressurgimento de uso entre os Gnósticos da moda. Em resumo, todos querem se livrar da velha lógica para estabelecer outra que não será mais dualista, mas que será mais flexível, mais polivalente e que finalmente admitirá a "*coincidentia oppositorum*" da qual esperam maravilhas.

R. Abellio se preocupa muito com esta questão e a tratou em profundidade naquele que ele mesmo apresentou como a mais importante de suas obras, "*A Estrutura Absoluta*", obra que não deve ser confundida com "*A Busca do Absoluto*", romance de Balzac do qual acabamos de falar. É em "*A Estrutura Absoluta*" que R. Abellio coloca o postulado que já conhecemos dele, o da interdependência universal. Deste postulado, ele deduz um certo número de consequências e, em particular, uma crítica à lógica dualista e sua substituição por um esquema de raciocínio de quatro termos, esquema ao qual ele naturalmente dá o nome de "**quaternidade**" e que justifica da seguinte maneira.

Toda observação científica é uma percepção sensorial que não coloca em jogo apenas os dois termos aos quais era reduzida antigamente, a saber, o olho do **observador** e o **objeto observado**. Pois basta tomar um pouco de distância para constatar que o olho do observador pertence a um corpo humano que também tem sua parte na elaboração global da percepção. Consequentemente, na formulação desta percepção, participam não apenas o olho no sentido estrito, mas o corpo do observador inteiro. Este é o primeiro ponto, que diz respeito ao sujeito observador.

Se agora considerarmos o objeto que foi observado, constatamos que ele também pertence a um universo do qual não se pode dissociá-lo, porque esse objeto é impressionado e como que impregnado de **vibrações** provenientes do universo inteiro. Este é o segundo ponto. Não é difícil encontrar, nos dois pontos assim estabelecidos, a aplicação do postulado da interdependência universal.

Em toda observação científica, portanto, R. Abellio não distingue apenas dois termos, mas quatro. Os quatro termos da "quaternidade" são: o olho, o corpo, o objeto e o mundo. Esses quatro termos obviamente reagem uns sobre os outros e formam um **todo orgânico**. É arbitrariamente, estima

nosso filósofo, que os separaríamos.

Após definir os quatro termos da "quaternidade", é preciso evidenciar as **relações** que eles têm entre si. Para tornar essas relações mais visíveis, R. Abellio recorre a um **gráfico**. Ele coloca o olho e o corpo nas extremidades opostas do diâmetro de uma esfera. Então, da mesma forma, dispõe o objeto e o mundo nas duas extremidades de outro diâmetro perpendicular ao primeiro. Esses dois diâmetros têm seu ponto de intersecção no centro da esfera e formam entre si uma cruz que representa a "quaternidade" e que vai concretizar suas relações.

Este esquema de quatro termos é, ao que parece, de uso muito mais universal do que a estéril dualidade da lógica antiga. R. Abellio não espera dele nada menos que a unificação da ciência e da gnose. Pois é utilizável tanto nas disciplinas mais quantitativas quanto nas especulações mais espirituais. Ele abole as separações entre observadores e objeto observado; entre matéria e espírito, entre tudo o que estava separado; e finalmente coloca em **comunicação** os abismos de baixo com os abismos de cima, o que é provavelmente o objetivo da manobra.

R. Abellio pensa, graças à "quaternidade", não apenas ter encontrado um instrumento lógico totalmente geral, mas também poder explicar a **constituição última** da matéria. Daí o nome de "estrutura absoluta" que ele dá à sua obra.

Aqueles que gostariam de ter detalhes sobre a "quaternidade" universal são convidados a consultar os capítulos 1 e 2 de *A Estrutura Absoluta* e o capítulo 2 de *O Fim do Esoterismo*. A demonstração, de fato, está longe de ser simples e nós apenas a resumimos aqui para dar uma primeira ideia.

De nossa parte, não estamos convencidos pela "quaternidade" polivalente de R. Abellio. Será difícil nos afastar do preceito lógico contido no Evangelho de São Mateus, preceito que todo católico conhece de cor, tão claro ele é:

> «*Sit autem sermo vester : est, est ; non, non. Quod autem his abundantius est, a malo est*». «Que o vosso discurso seja: o que é, é; o que não é, não é; e tudo o que for além disso vem do **Maligno**». (Mat. V, 37)

E achamos que há muitas "coisas a mais" nos raciocínios "lógicos" de R. Abellio.

Uma Beleza Tenebrosa

O romancista-filósofo se chama na realidade Georges **Soullès**. Afirma-se que ele forjou o pseudônimo de Abellio condensando Abel e Belial. Diz-se também que ele escolheu o prenome Raymond por causa de sua semelhança com Ammon-Raa, nome do Júpiter egípcio. Não haveria nada de surpreendente nisso.

Concorda-se em reconhecer em R. Abellio um grande talento de escritor. Não discordaremos disso. Ele colocou, na exposição de toda essa gnose, um frêmito romântico totalmente fascinante ao qual não se pode ficar indiferente. É até permitido detectar nela uma espécie de religiosidade intelectual. Mas a riqueza e a elegância da forma encobrem um conteúdo cheio de erros. As páginas são belas, de fato, mas de uma beleza tenebrosa.

A heterodoxia desses desenvolvimentos vibrantes é imediatamente manifesta aos olhos de um cristão. Nem a transfiguração alquímica do universo, nem o determinismo astrológico, nem "o outro evangelho", nem o misticismo cósmico, nem mesmo a inclusão do cristianismo na pluralidade da gnose conseguirão convencer uma alma verdadeiramente católica.

O cristão fiel tem muito melhor do que essa gnose, por mais cintilante que seja, para alimentar as reflexões de sua inteligência e as meditações de seu coração. Basta-lhe considerar os serenos esplendores da verdadeira Religião.